

## Entrevista com Valmir Batista Corrêa

Laíssa Thaila Vicente e Vitor Wagner Neto de Oliveira<sup>1</sup>

*“Acredito que a violência costumeira e política constituíram-se um forte componente histórico na formação social de nossa região, tornando-se palavra-chave para a compreensão histórica da Fronteira Oeste brasileira.”*  
(Valmir Corrêa)

Pesquisador de História Regional, com vasta produção historiográfica Valmir Batista Corrêa atualmente é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de MS, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de MT. É também ex-vereador e ex-secretário de Educação e Cultura de Corumbá (MS) e ex-assessor de governo no MS. Foi diretor presidente da TV e Rádio Educativa- FERTEL e conselheiro de Cultura por dois mandatos no MS. Possui o maior acervo bibliográfico privado do estado sobre temas regionais. Na entrevista dada ao PET-História, Valmir Corrêa, docente aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, narra parte de sua vida no interior de São Paulo, onde adquiriu o gosto pela leitura no ensino básico. Fala ainda da sua formação na graduação em História pela PUC-SP, onde ingressou em 1970, e na pós-graduação em História pela USP em 1976 e 1982. O historiador conta do seu ingresso no então Centro Pedagógico de Corumbá, na antiga Universidade Estadual de Mato Grosso, no início da década de 1970, da união conjugal com a historiadora Lúcia Salsa Corrêa, da sua atuação política e analisa a historiografia produzida em MT/MS e sobre ambos os estados.

**Pergunta PET-História:** Professor, fale de sua origem familiar e onde nasceu, como era esse lugar... Conte-nos sobre o seu modo de vida e o trabalho de seus pais e demais familiares, a fim de entendermos parte de sua história de vida.

**Resposta Valmir Batista Corrêa:** *Nasci na pequena cidade de Maracaí (SP), fundada pelo meu bisavô Joaquim Gonçalves de Mendonça, que veio de Minas Gerais a pé e em carroças com a família. Cursei os primeiros anos do primário em Maracaí e, depois, o secundário e científico em Assis (SP). O meu pai, já falecido, era alfaiate e minha mãe, também falecida, dedicava-se às lides domésticas. Tenho duas irmãs e um irmão e hoje todos moram em São Paulo, capital.*

**PET:** Como foi a sua formação no ensino médio? Como eram as escolas em que estudou, os professores e o gosto ou não pela História?

**Valmir Corrêa:** *Fiz o científico (ensino médio de hoje) na escola pública Clybas Pinto Ferraz de Assis-SP. Quem mais me influenciou nos estudos foi um professor de português e literatura, chamado Jorge Curi. Com ele adquiri o gosto pela leitura que passei a fazer com avidez. As escolas públicas dessa época eram muito boas e o ambiente acanhado de interior era suprido com uma grande vontade de conhecer mais e de ampliar os horizontes através de leituras.*

---

<sup>1</sup> Equipe responsável pela entrevista: Grupo PET-História Conexões de Saberes, da UFMS/CPTL. Responsáveis por esta entrevista: Laíssa Thaila Vicente e Vitor Wagner Neto de Oliveira.

**PET:** Fale em que momento tomou a decisão de fazer Bacharelado e Licenciatura em História na PUC São Paulo e quais os motivos que o levaram a escolha desta área das Ciências Humanas, em 1967.

**Valmir Corrêa:** *A escolha do curso de História teve como objetivo principal a questão financeira. Na verdade eu queria fazer Arquitetura. Mas optei por um curso de Licenciatura em História em Jacarezinho (PR), perto de Assis, permitindo assim que eu trabalhasse. Em seguida, transferi-me para São Paulo, para o curso de História da PUC, com bolsa de estudos integral, onde tive a oportunidade de conviver e ser orientado pelo Dr. Maurício Tragtemberg.*

**PET:** Conte como se deu o encontro com a Professora Lúcia Salsa e a união do casal em família e na produção historiográfica.

**Valmir Corrêa:** *A Lúcia foi minha vítima no trote como caloura no curso de História e, depois, para o namoro foi um passo. Quando fui contratado pelo Centro Pedagógico de Corumbá – Universidade Estadual de Mato Grosso, a Lúcia ainda estava no 3º ano do curso. Assim, somente em 1973 nos casamos, quando também ela foi contratada como professora para o curso em Corumbá. Estudamos juntos e trabalhamos juntos com os mesmos objetivos e gostos. Nesses dois primeiros anos em Corumbá, a falta de material historiográfico sobre Mato Grosso levou-me a dedicar tempo integral ao conhecimento da história e de bibliografia sobre o Estado. Como resultado, escrevi o artigo “Situação da Pesquisa Histórica em Mato Grosso”, que foi apresentado no 1º Seminário Estadual de Pesquisa Histórica, Cuiabá, 1972; e o estudo “Corumbá (um esboço histórico)”, publicado na coleção Cadernos, 1973.*

**PET:** Em Corumbá você foi um historiador atuante politicamente, chegando a ocupar o cargo de vereador e de secretário de cultura do município. Conte dessa experiência e de outras que queira lembrar quanto à sua atuação política, e nos diga como esta atuação política vem se dando atualmente. Para um historiador - se assim pudermos considerar - militante político existe fronteira entre a teoria/historiografia e a prática política?

**Valmir Corrêa:** *Como professor fui militante e sempre defendi e briguei pelo curso de História do CEUC. Rompi as barreiras de convivência que sempre separavam a Universidade da vida cotidiana da cidade e procurei integrar-me nas questões locais. De certa forma havia um isolamento e um distanciamento entre a Universidade e a cidade e o município. Com os colegas Lúcia Salsa Corrêa e Gilberto Luiz Alves, começamos uma campanha de divulgação, preservação e tombamento do patrimônio histórico e arquitetônico de Corumbá. Esta luta criou conflitos com moradores e proprietários de prédios antigos que não entendiam o valor dos imóveis como bens patrimoniais coletivos e acreditavam ser necessário derrubá-los ou reformá-los para a modernização da cidade. Na verdade desconheciam o que era tombamento de patrimônio histórico e achavam que éramos comunistas. Este embate motivou anos mais tarde a publicação, pelo Senado Federal, de uma obra intitulada “O Casario do Porto de Corumbá” (1985), escrita a seis mãos (Gilberto, Lúcia e eu), que se tornou uma referência para o posterior tombamento do casario do porto. Além disso, eu promovia exposições de fotos e de documentos e jornais da cidade, desde o século XIX, fazendo campanhas frequentes sobre o valor de documentos e da história local. O meu envolvimento com a cidade levou-me a ser convidado para assumir a Secretaria Municipal de Educação e Cultura. As propostas inovadoras então aplicadas e o prestígio conquistado possibilitaram-me ser eleito vereador por dois mandatos. Meus alunos e ex-alunos, desde 1971, foram meus principais eleitores e apoiadores. Participei do processo de redemocratização e sou fundador do antigo PMDB em Corumbá. Depois,*

*filiei-me ao PT e ao PSB, do qual fui presidente regional. Atualmente sou presidente da Fundação João Mangabeira - MS, instituto de formação política do PSB. Creio ser um desafio permanente a superação das dificuldades e barreiras entre teoria e prática político-partidária, sem a perda dos vínculos intelectuais de minha formação e profissão de docente. De fato, entendo ser importante para o avanço democrático da sociedade a interação real entre a academia e a sociedade, através da política, sob as suas diversas modalidades. Enfim, ficar alheio à política, no meu entender, é simplesmente um desserviço às transformações da sociedade. Afinal, colaborar para mudar o mundo é dever de um professor de história.*

**PET:** No mestrado em História Econômica, concluído em 1976 com a dissertação *Mato Grosso: 1817-1840 – e o papel da violência no processo de formação e desenvolvimento da Província* (publicada em 2000 pela Editora UFMS sob o título *História e violência em Mato Grosso – 1817-1840*) você destaca que a Província de Mato Grosso estava suscetível à violência devido a localização e a questão das fronteiras, já que desde a separação da Capitania de São Paulo, em 1748, se via a mercê de possíveis ataques dos espanhóis e nativos. Como você chegou a este tema de pesquisa? Quais foram as maiores dificuldades com relação à pesquisa? Quais foram os tipos de fontes utilizadas e o acesso às mesmas?

**Valmir Corrêa:** *Em 1974 fui autorizado a afastar-me das aulas e fazer pós-graduação em História Econômica na USP, nível de mestrado. Como ainda não havia plano de carreira e incentivo à titulação na antiga Universidade Estadual, a minha saída foi condicionada à diminuição do meu salário pela metade e a Lúcia teve o seu suspenso, como uma espécie de licença sem remuneração. Desse modo, com muito sacrifício, fomos os primeiros a fazer pós-graduação stricto sensu na Instituição. Dada esta precariedade, usando os nossos poucos recursos, fiz em um ano todas as disciplinas que somavam créditos para mestrado e doutorado, enquanto a Lúcia cumpriu só os seus créditos em disciplinas de mestrado. O meu mestrado teve por foco a crise política na Província de MT, em 1834, chamada “Rusga” e que ampliei para uma temática maior chamada “Rebelião Cuiabana”. A dificuldade maior concentrou-se na precariedade financeira com a ausência total de apoio da Universidade para suprir despesas com nossa sobrevivência e com viagens para consulta de arquivos em São Paulo, Rio de Janeiro, Cuiabá e Goiás. Não havia política de pesquisa na Universidade até o início dos anos 80. Diga-se de passagem que, grande parte dos docentes da época não reconheciam a necessidade da pesquisa e da capacitação em pós-graduação e havia mesmo uma dicotomia entre professores que só davam aulas, em oposição aos que faziam pesquisa acadêmica.*

**PET:** No doutorado em História Econômica, com a tese *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso - 1889-1943* (publicada em 1995 pela Editora da UFMS e já em 2ª edição, 2015), você mantém a mesma linha de abordagem da História Regional, seguindo a análise do papel da violência em Mato Grosso. O que te levou a escolher este tema no doutorado e quais as proximidades e rupturas com relação à pesquisa anterior do mestrado? A violência pode ser compreendida como uma palavra chave para a apreensão da história do norte e sul de Mato Grosso?

**Valmir Corrêa:** *No desenvolvimento do projeto do mestrado procurei fazer um amplo levantamento documental e historiográfico em torno da teoria sobre a violência, como também procurei esgotar as fontes documentais, em grande parte inéditas, dos séculos XVIII e XIX. Continuando este grande projeto sobre história regional, prossegui no doutorado tendo como foco a violência política e do cotidiano. No amplo estudo exigido para a compreensão da história de Mato Grosso no período*

*colonial e republicano, percebi um persistente vínculo com a violência, especialmente com a Guerra com o Paraguai que provocou uma ruptura na antiga ocupação colonial do território regional, num permanente embate entre índios, “gente” vinda de fora e “espanhois”. E, no rescaldo da guerra, detive-me na formação de uma nova sociedade dominada pelo coronelismo e pelo banditismo. Acredito que a violência costumeira e política constituíram-se um forte componente histórico na formação social de nossa região, tornando-se palavra-chave para a compreensão histórica da Fronteira Oeste brasileira.*

**PET:** Você opera com termos como “violência costumeira” e “população flutuante” para caracterizar o cenário existente em Mato Grosso por volta dos séculos XIX e XX. Quais conceitos, além dos citados, podem ser de essencial ajuda para se compreender o cenário econômico, político e social de Mato Grosso no período?

**Valmir Corrêa:** *Penso que os termos citados são essenciais para a explicação e a compreensão da história de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Por outro lado, outros termos como “complexidade”, “diversidade” e “multiculturalidade” devem fazer parte dos desafios que os historiadores regionais enfrentam para entender o desenvolvimento intrincado da ainda pouco conhecida história mato-grossense e sul-mato-grossense.*

**PET:** Nas suas pesquisas a violência em Mato Grosso se faz presente, sendo algo essencial para se compreender o período. Além de ser uma expressão de poder e do mandonismo local, o que mais a violência simbolizava no contexto dos séculos XIX e XX?

**Valmir Corrêa:** *Além das questões acima mencionadas, entendo que é fundamental estabelecer a estreita relação entre o particular e o geral. No caso da violência na história regional é preciso compreender as relações sociais de produção e a penetração de relações capitalistas numa região “nova”, ainda a ser integrada aos mercados internos e externos. O período que estudei corresponde à fase imperialista da evolução do capitalismo no mundo e isso não pode ser descartado numa análise do funcionamento e da evolução histórica da sociedade brasileira e regional.*

**PET:** Na obra *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*, você menciona a questão do banditismo em Mato Grosso e destaca que esse movimento acabou por ser um argumento para justificar o movimento separatista no Sul do Estado. Como esse movimento, juntamente com os fatores econômicos, políticos e sociais, acabaram por influenciar nessa separação, dando origem a Mato Grosso do Sul?

**Valmir Corrêa:** *A forte presença do banditismo na região sul do estado demonstrava o descaso e a falta de um combate ostensivo por parte das autoridades nortistas. Para uma parcela da população, em especial de estudantes universitários que estudavam no Rio de Janeiro, o distanciamento da capital, Cuiabá, dos graves problemas da região fronteira era uma justificativa a mais para reivindicar uma capital administrativa mais perto do sul que pudesse trazer a desejada tranquilidade pública. O banditismo foi usado como argumento, mas não foi o único fator para a fermentação de movimentos separatistas na região sul de MT. Houve claramente o fator econômico (a maior arrecadação de impostos do sul) e o político (a rivalidade entre coronéis e a disputa por terras e por poder local e regional). Creio ter contemplado o elenco complexo desses e de outros fatores em minha tese.*

**PET:** Quais eram as características do “coronelismo guerreiro” e do “banditismo endêmico” e como eles se faziam presentes na sociedade mato-grossense?

**Valmir Corrêa:** *A ausência de agências do Estado que representassem a presença da justiça e do poder institucional na região sulina permitiu o fortalecimento e o poder dos “senhores da terra” que exerciam de fato o mando em todo o espaço fronteiriço. A violência e a herança das lutas pela conquista colonial, estabelecendo uma sociedade em permanente “guerra”, alavancaram o crescimento do mandonismo local nesses sertões. O respeito, a subserviência e o medo do homem comum visualizavam nesses coronéis as verdadeiras autoridades que privatizaram a justiça e impunham seus códigos particulares de conduta. Já o banditismo, quando não exerciam suas atividades marginais individualmente ou em bandos, transformava-se, muitas vezes pelo compadrio, em um útil exército de reserva dos coronéis. O banditismo floresceu na nossa fronteira pelas mesmas razões que fundamentaram o coronelismo: a impunidade, a violência costumeira e as facilidades de cruzar a fronteira.*

**PET:** Você mantém ativo dois blog na internet com os nomes “Valmir Corrêa” até 2008 e o “Valmir Batista Corrêa” com produções até o presente ano de 2015, onde posta artigos de temáticas variadas, enfocando desde o relógio central de Campo Grande, o cotidiano de pessoas na capital e de campo-grandenses que lutaram na FEB na Segunda Guerra Mundial. Tais artigos são publicados no “Jornal da Cidade Online” de Campo Grande. É possível vislumbrar as novas mídias como intermediárias na divulgação da História do MT/MS? Em que a informática, especialmente o computador e a internet, mudou no trabalho do historiador?

**Valmir Corrêa:** *Entendo que a utilização de um Blog é instrumental atual e eficiente para levar aos internautas reflexões sobre história, política e cultura. Mas já abandonei essa ferramenta. Agora utilizo os jornais eletrônicos e o facebook para escrever sobre diversas temáticas com o objetivo de conscientizar o importante papel do cidadão numa sociedade democrática. Mesmo aposentado da Universidade, a internet não deixa de ser minha nova sala de aula, onde defendo e não abro mão das minhas convicções políticas, sociais e ideológicas. Penso enfim que o uso do computador, da internet e das redes sociais deve ser feito como um criterioso instrumental no auxílio do ensino e da pesquisa. Porém, não é possível dispensar o contato físico com livros e com papéis antigos (documentos e jornais por exemplo), pelo prazer que isso proporciona. O mesmo se dá com as aulas a distância e virtuais. Nada substitui o professor e as aulas presenciais, no meu entender.*

**PET:** Você é reconhecidamente possuidor de um dos maiores acervos privados de livros e documentos da História Regional. Fale dessa paixão pelos livros e fontes, como começou a formar sua biblioteca e como ela se encontra hoje?

**Valmir Corrêa:** *Sempre fui um voraz leitor desde a minha juventude e cheguei, inclusive, a trabalhar numa livraria onde mais lia que vendia. A minha biblioteca regional começou com dois fatos inusitados. Depois de uma aula no período noturno (o curso de História em seus primórdios em Corumbá era nesse período), ao passear por uma rua central da cidade encontrei no lixo um livro do século XIX. Pensei que estivesse sozinho e peguei o livro com muita alegria. Ledo engano. Alguém estava vendo e fui denunciado ao diretor do Centro Pedagógico como um docente transgressor que revirava lixo alheio. Depois, encontrei um livro do final do século XIX que servia como calço de uma máquina de lavar roupa. Comprei-o e dei início à minha coleção. Ganhei muitos livros de meus alunos, alguns preciosos como o Album Graphico de Matto Grosso de 1914. Começou assim a minha*

*aventura maravilhosa em busca de obras raras. Hoje a minha biblioteca, na parte específica regional (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Fronteira) conta com mais de 4.000 títulos, desde meados do século XIX. Coleciono também discos vinis de música regional e objetos diversos que se relacionam ao estado. Pessoas conhecidas da cidade me procuravam para doar ou vender livros que foram de seus parentes já falecidos e assim foi crescendo o meu acervo. Frequentei muitos sebos em minhas férias e viagens e até hoje consulto e compro livros em livrarias virtuais. Não faço a menor idéia de quanto gastei nesses 40 anos em livros. Só sei que foi uma pequena fortuna.*

**PET:** Como sócio do IHGB-MS, qual a avaliação que você faz da atuação do Instituto na divulgação e preservação da história da Região?

**Valmir Corrêa:** *Sou presidente do Conselho Editorial do IHGMS e confesso que a Instituição assumiu hoje o papel editorial que deveria ser da universidade no âmbito da história e da pesquisa. A Instituição tem uma vasta quantidade de publicações, chegando a mais de cem títulos e podem ser adquiridos a preço acessível na pequena livraria chamada “Sala do Escritor Sul-Mato-Grossense”. Entre este acervo não posso deixar de citar a coleção “Série Memória Sul-Mato-Grossense”, até agora com 31 volumes, composta de obras raras e esgotadas, as obras completas de Helio Serejo, em 10 volumes, as obras completas do General Raul Silveira de Mello, também em 10 volumes, entre outras obras importantes. E, além disso, há os diversos eventos que o Instituto promove todos os anos. A despeito do enorme preconceito que a academia nutre pelos Institutos Históricos, é inegável a importância do nosso IHGMS e é muito gratificante o convívio com seus membros. Os professores e alunos de história perdem uma grande oportunidade ao ignorar o IHGMS.*

**PET:** A partir da sua experiência como formador de professores e de pesquisadores em História, e olhando para a vida acadêmica e profissional de seus ex-alunos e dos pares, é possível fazer uma avaliação do campo da História no MS, da formação e da atuação profissional? Como você avalia este campo?

**Valmir Corrêa:** *Penso que houve uma maior compreensão e modernização dos estudos da história regional. Muitas pesquisas continuam a ser realizadas e publicadas, estimuladas em grande parte pela exigência acadêmica para obtenção de títulos de mestrado e doutorado. Como resultado deste esforço, tem-se modificado o entendimento e a valorização da História Regional. Creio que como pioneiro em pesquisa acadêmica de história regional influenciei colegas e ex-alunos. Não se trata de vaidade pessoal, mas estou certo de que abri caminhos de pesquisa, alertando para a espetacular história que temos em nossa fronteira.*

**PET:** Quais os desafios da área do ensino e da pesquisa em História no MS?

**Valmir Corrêa:** *O principal desafio, no meu entender, é ultrapassar o abismo que existe entre o ensino de história no ensino fundamental e médio e a produção acadêmica das Universidades. A formação desse professor de história é ainda muito precária e os materiais que estão a disposição (livro didático e etc...) não são adequados, ainda. Claro que existem exceções. Ensino e pesquisa devem andar de mãos dadas desde o princípio da educação infantil. Na Universidade isso é obrigatório. O acesso a livros e a arquivos também representa um problema, mas que pode ser superado hoje pela Internet.*

**PET:** Até o tempo presente quais temas não foram abordados, ou foram pouco tangenciados, e que merecem atenção dos pesquisadores em História no MT/MS?

**Valmir Corrêa:** Entendo que, apesar dos estudos já realizados, existem muitas oportunidades para novas pesquisas sobre diversos temas como a colonização e ocupação/preservação do território fronteiriço; introdução/defesa de fortins e vilas; guerra com o Paraguai; economia ervateira; economia em torno da navegação do Rio Paraguai; coronelismo e banditismo; trabalhadores rurais e urbanos; as modificações provocadas pela estrada de ferro; Coluna Prestes; entre outros temas. A cada tempo os objetos de pesquisa em história se renovam e se multiplicam e o pesquisador não precisa se preocupar em descobrir fatos ou documentos inéditos. A pesquisa significa produzir um conhecimento novo, um novo olhar, um novo objeto. Assim, tudo merece atenção.

**PET:** Qual(is) livro(s) um estudante que se interessa pela História do MT/MS não poderia deixar de ler?

**Valmir Corrêa:** Apresento aqui uma lista preliminar, mas tem muita coisa boa para ser lida. O importante é ler os textos que fornecem ferramentas de interpretação para que o aluno ou pesquisador, acadêmico ou dileitante, possa ampliar seus estudos e sua formação. Um professor pesquisador não deixa de estudar nunca. De minha autoria, cito *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso*. 2ª. Ed. Campo Grande: EdUFMS, 2006, *Fronteira Oeste*. 3ª Ed. Campo Grande: EdUFMS, 2014 e *História e violência em Mato Grosso: 1817 – 1840*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000. Lúcia Salsa Corrêa. *História e Fronteira*. O Sul de Mato Grosso, 1870 – 1920. 2ª Ed. Campo Grande: EdUFMS, 2012; Vitor Wagner Neto de Oliveira. *Estrada móvel, fronteiras incertas*. Os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926). Campo Grande: EdUFMS, 2005, *Nas águas do Prata*. Campinas: EdUnicamp, 2009; Paulo Roberto Cimo Queiróz. *As curvas do trem e os meandros do poder*. O nascimento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1904-1908). Campo Grande: EdUFMS, 1997, *Uma ferrovia entre dois mundos*. A E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20. Bauru: Edusc; Campo Grande: EdUFMS, 2004; e Paulo Cezar Vargas freire. *História dos antigos domínios nos ervais do Paraguai (1538-1811)*. Campo Grande: IHGMS, 2014.

**PET:** Professor, muito obrigado pela colaboração. Para encerrar, gostaríamos de saber se você está envolvido em algum novo projeto?

**Valmir Corrêa:** Estou envolvido em um projeto, junto com a Lúcia, de um livro em 2 volumes, com o título provisório de “Homens de Ferro, Cidades de Barro”. Este trabalho deve encerrar o meu compromisso com estudos sobre a História Regional. Pretendo então desenvolver outros trabalhos com temáticas que dizem respeito a História do Brasil e para as quais já coletei muito material, como o movimento anarquista brasileiro, entre outros.

**Respondida via e-mail em 04.02.2015.**